

Editorial

A revista *Alea: Estudos Neolatinos* traz a público, neste número, importante reflexão sobre o tema *Violência e representação*. Se os conturbados tempos atuais recolocam essa questão no centro de acalorados debates públicos, a literatura e a arte sempre buscaram representá-la em suas mais variadas manifestações: da tragédia grega à gesta bélica da Idade Média, dos requintes de crueldade da obra de Sade ao romance policial, dos romances de guerra às diversas representações do holocausto na literatura e no cinema, dos *Desastres* de Goya à *Guernica* de Picasso, da morte ao erotismo, o lado dionisíaco do homem nunca deixou de fascinar produtores e consumidores.

Este número reúne artigos de pesquisadores de diversas universidades que abordam diferentemente o tema proposto. Abre-se com um estudo sobre os conceitos de história, tempo, alegoria e melancolia na visão de Walter Benjamin. Segue-se uma análise da relação entre a arte e a representação da dor, através da obra de Anselm Kiefer e Claude Lanzmann. A referência a Theodor W. Adorno aparece em dois momentos distintos: no entrecruzamento dos diversos gêneros artísticos e na crítica à experiência política de seu tempo.

Abordando as representações da relação entre violência, gênero e poder, o quinto artigo reflete sobre o pensamento de duas escritoras argelinas, Assia Djebar e Leïla Sebbar, que procuram desconstruir a imagem de fanatismo e barbárie que o Ocidente faz do Oriente árabe-muçulmano. Da visão de um mundo distante, passa-se à visão da violência bem perto de nós: a partir de relatos da população de rua de Belo Horizonte, analisa-se a violência dos excluídos e suas conseqüências para a sociedade.

Os dois últimos artigos privilegiam, cada um a seu modo, o viés da reflexão teórica, e se não se referem explicitamente às relações entre violência e representação, não as deixam de pôr em cena. Tomando como fio condutor a poética de Armando Freitas Filho, o primeiro deles tem como pano de fundo a questão da tensão entre crítica e teoria e a violação do poema a que tende a leitura crítica. O segundo, visando demonstrar, na contramão das tradições da crítica, a estética da imanência que se deixa ler na obra de Victor Hugo, analisa o modo como ele figura, em seus desenhos, a fluidez e a violência do mundo.

Esperamos que a diversidade das reflexões aqui propostas abra caminho para outros textos, nesse permanente processo de citação que, ao ler o outro, desconstrói seu pensamento e o reconstrói de forma nova e singular.

Os Editores